

TRATADO DAS INTENÇÕES COM ENTRELINHAS DE SABOTAGEM

Deseje.

Deseje com força, com urgência. Busque extremos. Não: torne-se *o* extremo. Faça concessão nenhuma, principalmente em seu desejo. Só o melhor é o bastante para começar. As meias medidas, o meio de vida, a meia pataca, o médio oriente, o meio-fio, a meia-boca, jogue fora tudo isso. Rompa os limites, sim, vá além deles. Encha o êmbolo até o fim, beba até a última das gotas, mergulhe no mais fundo do poço, desça depois do quinto inferno... e aí você poderá pleitear o seu gozo.

O gozo pleno é uma arte. Exige extrair, meticulosamente, a essência de todas as coisas. Macere, pois, os sentimentos para que sejam sumo e néctar, ácido e bálsamo, a luz mais cortante e a sombra mais compacta. Torne isso palavra e, com ela, engravide os atos. Tantos, tão profundos e verdadeiramente significativos – mas mesmo ainda há o desejo.

Assim, olhe para o que deseja.

Que seja antes de longe, e o desejo se aninhará, completo. Abraça com o olhar e traga para mais perto o seu objeto de desejo. Ouça-o muito bem. Ouça a modulação do seu som e ouça até o ar que não vibra quando nada é dito. Ato contínuo, cheire aquilo que deseja. Toque-o com o seu olfato e decifre as mensagens que nem ele sabe que emite. Tatue na memória de cada célula do corpo, do seu e do outro, o padrão desse desejo que, enfim, se assume molecular. Fractal. Tão entranhado que nem é mais desejo. É você.

Agora, costure pele nesse desejo.

O que antes o olhar abraçava, empunhe, sorva, deguste, invada, emaranhe, dedilhe, mordisque, respire, dissolva e descreva, esvaia e preencha.

Então, vá para casa.

O seu desejo é mesmo tonto e cego. Não elege alvos; aciona armadilhas.

Assim, é preciso cuidado e distância. O terreno é instável; deve ser apenas meio medido. As pausas são bons anteparos, prioridades dão ótimo escudo. Qualquer fervura não queima quando engole água fria. Evidentemente, há que inciar a fervura, isso o desejo impõe. O fogo, porém, deve ser lento e a água, contida. Desejo e paixão são uma alquimia de morte. *Petite mort*. Morte por sufocamento.

Só se morre asfixiado quando algo ou alguém chega muito perto, tão perto que pressiona os sentidos, desacerta a pulsação e seqüestra a voz. Ah, mas isso só pode vir por dentro. Como um vampiro, precisa de convite para entrar e não aceita nenhuma ordem para sair. Há perigo e você não constrói discurso sobre isto senão enquanto dor. O infinitamente próximo é também mortiferamente poderoso. É esta a condição para fazer você gozar como sonha. Como um animal com alma. Um anjo. Demoniaco.

Mas você é flecha. Uma flecha não comporta um *se*. Você é eficiência e arte final. Você é *a* decisão.

Por isso, vá sempre para casa.

Brinque com os extremos que você conhece. Perca-se em si e todo estranhamento não ultrapassará os tecidos dos seus órgãos. Distraia a dor, precisamente *essa* dor. As outras, viva-as plenamente, elas não arrancam você das suas próprias mãos. Dê-se também o seu próprio prazer. Quando, onde e como *você* quiser.

Se isso não for suficiente para aquietar o seu desejo, escolha uma armadilha pronta como alvo. Qualquer uma; os mecanismos você advinha só com o olhar. Depois, você poderá voltar para casa do mesmo jeito, com seu discurso pronto e na ponta da língua.

Para mais do que isso, seria preciso você se perder muito além de si e sem pressa alguma de se achar.